

# A ESCOLHA PROFISSIONAL SOB UM OLHAR PSICANALÍTICO

**Dr<sup>a</sup>. ROSE MARIA DE OLIVEIRA PAIM**  
**Porto Alegre, Brasil**

Doutora em Psicanálise e Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Gestão Empresarial e Formação Profissional para a Integração Latino Americana pela Universidad de Ciências Empresariales y Sociales de Buenos Aires; Sensu-Lato em Orientação Educacional pela Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Psicanalista Clínica; Membro do NEPPE: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Educação/ UFRGS, integrante do Conselho Editorial do mesmo Núcleo. E-mail: [roseopaim@yahoo.com.br](mailto:roseopaim@yahoo.com.br)

*[...] é mesmo preciso que tenhamos algumas dúvidas, em certos momentos, para continuar a pensar com os outros; do contrário, se está em uma certeza absoluta, sem condição nem limite, encontra-se do lado paranóico.*  
(BALBO e BÈRGES, 2001, p. 20)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo, originado de uma investigação realizada com estudantes do Curso de Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na disciplina – Seminário do Pensamento Psicológico III: Planejamento de Carreira: a Transição Escola-Trabalho, busca responder à questão: porque cada um escolhe a profissão que escolhe?

O que me fez psicanalista e educadora? O que me trouxe até aqui? Que motivações determinaram essa escolha profissional? Desde quando emergiram (ou submergiram) em mim essas escolhas? Desde quando estiveram em mim submersas? Quanto eu tenho de psicanalista e educadora fora da escola e do *setting* analítico? Que circunstâncias, vivências, constituíram essas escolhas? Que sujeitos em trânsito na minha vida ajudaram a esculpi-las? Que Outros me constituem enquanto escolha profissional?

São muitas as perguntas, indagações contundentes que nos abordam na busca do entendimento dessa questão proposta. A abrangência do estudo diz respeito a uma análise de correspondência dos aspectos de estruturação do sujeito, vistos sob o ponto de vista da Psicanálise, e a enunciação de sua escolha profissional. Propõe lançar um olhar para a

constituição do laço social através da revisão de mitos, símbolos e papéis. Analisa as questões de identidade e identificação e aborda as questões transferenciais no processo de eleição de uma profissão.

O estudo toma por referencial teórico Freud e Lacan, como base e fundamento de toda a teoria psicanalítica, sobre a qual se apóia a argumentação teórica. A recorrência a autores atuais, com ingerência em áreas complementares como a Psicologia Social e Institucional, compõe a análise com propósito de uma abordagem ampliada da questão proposta.

Na íntegra, o trabalho original consta da fundamentação teórica, tomada como suporte para a interpretação; da escuta dos sujeitos investigados e os “Outros” que os constituem no âmbito familiar – foram entrevistados, além do próprio sujeito, a mãe, o pai e os irmãos; de um ensaio da análise da fala dos sujeitos, situando a pesquisa dentro do método freudiano de investigação; e, finalmente, tece comentários e propõe algumas considerações conclusivas acerca da questão. Este artigo apresenta-se como um recorte desse estudo maior anteriormente realizado.

## **JUSTIFICATIVA**

A definição desse tema para investigação justifica-se por vários aspectos. Inicialmente pela compreensão da profissão como extensão do próprio sujeito, naquilo que o constitui como indivíduo, como psique, como parte de um contexto social, no âmbito familiar e dos grupos mais amplos.

É possível observar que a profissão passa, de alguma forma, a representar o sujeito no campo social. Tanto que, é senso comum numa apresentação dizer-se: “Fulano de tal, farmacêutico”, “Cicrano de tal, engenheiro”, acrescentando ao nome próprio a profissão que, nessa medida, pode ser tomada como um sobrenome, uma filiação, algo que, além do próprio nome, diz do sujeito de quem se fala, situando-o nesse universo social. A profissão lhe complementa o nome, daí merecer ser investigada. Que sobrenome é esse que cada um se atribui?

Constata-se que parte significativa do investimento tempo, energia, afeto, dinheiro do sujeito está direcionada para a formação e o desempenho de uma atividade profissional, constituindo-se um núcleo central em sua vida.

A tomada de decisão profissional, em nossa cultura, é entendida como expressão de um momento marcante na vida do sujeito, sendo vivenciado socialmente como um ritual de passagem da infância/adolescência para a adolescência/vida adulta. E, por conseguinte, poder desencadear o que é conhecido como uma das crises da adolescência, vivenciada com medos e ansiedade.

A investigação apóia-se na relevância de dados e informações acadêmicas acerca do considerável contingente de indivíduos que abandonam ou trocam de cursos na graduação, sugerindo haver possíveis inadequações nas escolhas profissionais.

Somando-se a isso, a constatação das desadequações profissionais, amplamente conhecidas através de artigos e pesquisas, que sugerem insatisfação pessoal, em grande parte com a própria escolha profissional, funcionam como indicadores de tratar-se esse de um tema de relevância, sobre o qual se faz necessária uma profunda reflexão e uma nova abordagem na busca de sua compreensão.

Assim, são inúmeros os motivos que nos levam a considerar essa temática e abordá-la sob o ponto de vista da Psicanálise, propondo outro enfoque à questão, tendo em conta os processos inconscientes aí implicados. Concebe-se ser de fundamental importância sua elucidação, ao menos no que é possível, possibilitando ao sujeito o entendimento do que opera nele na esfera do processo da escolha profissional, propondo-lhe a auto-revelação de suas verdades nem tão aparentes. Há o entendimento de ser fator determinante que o indivíduo possa acessar parte dessa verdade, desvelando a si mesmo os reais motivos dessas escolhas. Nesta visada, lançamos sobre o tema um olhar psicanalítico.

## **PROFISSÃO E LAÇO SOCIAL**

Os conceitos de laço social e sintoma social são muitas vezes tomados de forma indistinta, como sinônimos. Importante destinar um tempo a pensar nessas duas construções conceituais, pois elas são imbricadas, mas distinguem-se. O conceito de laço social articula-

se com o discurso: o sujeito é efeito de linguagem, e não de natureza. Daí a proposta lacaniana do inconsciente como sendo um inconsciente social, estruturado pela linguagem e, portanto, tributário da cultura e suas articulações. Nesse sentido, o laço é coletivo, embora produza efeitos individuais. Coletivo entendido aqui, não no sentido de se referir a um grupo de pessoas, mas àquilo que pode promover ou ser resultante do laço.

Por sua vez, podemos dizer que o sintoma social está do lado do sintoma propriamente, situando o inconsciente como formações, desde o ponto de vista de que o inconsciente só é apreensível por seus efeitos.

A psicanálise tem uma preocupação constante com a leitura do laço social. Entretanto, pode-se falar em formações do inconsciente, no campo social, que ultrapassariam o campo tradicional da psicanálise e mesmo da clínica? Costa (1997) sugere que não há um “interpretante universal”; assim, o sujeito se produz no laço social, contextualizado pelo discurso que o sustenta.

Para Souza, cada sujeito terá:

[...] modalidades particulares de lidar com os significantes grupais. Além disso, devemos também lembrar que os destinos individuais só em parte se confundem com os destinos grupais ou são por eles influenciados. Existem amplos setores da vida de cada um que conservam uma grande autonomia em relação à sociedade em que se inserem. (SOUZA, 1994, p. 104).

O cerne do que constitui o laço social pode ser encontrado, em Freud, tanto em Totem e Tabu (1913) como em O Mal-Estar na Cultura (1930). Neste último, tem-se a noção de uma inconformidade entre o sujeito e seu corpo, o que nos chega cotidianamente aos consultórios sob a forma de sintoma. Freud afirma, inicialmente, que a felicidade plena ligada ao princípio do prazer é irrealizável, porque o princípio do prazer aponta para a eliminação total da tensão, e, sabe-se, a ausência total de tensão é a morte; logo, a felicidade total pensada pelo princípio do prazer é irrealizável.

Também se deve levar em conta que, por sua vez, o princípio da realidade impõe que nem todos os impulsos podem ser satisfeitos imediatamente, e, ainda, que parte deles nem sequer podem ser satisfeitos. A felicidade só pode constituir-se como algo a ser buscado, de acordo com a definição freudiana, e não está ligada a uma promessa de

realização plena. A forma de felicidade possível estaria do lado da tentativa de eliminação da tensão pela via da satisfação, ou por uma satisfação substitutiva.

O autor (1930) apresenta três razões para o sofrimento humano: a supremacia da natureza, a caduquice do corpo, e as relações interpessoais e sociais. A terceira delas nos interessa especialmente, pois aponta para a questão de que o mal-estar está na cultura. Trabalha a partir da renúncia pulsional, afirmando ser essa a causa das neuroses. A renúncia pulsional está na base do social, quando Freud afirma que o incesto é anti-social e a civilização impõe um renunciamento progressivo a ele. O incesto seria a renúncia primordial. A ordem social deve sobrepor-se à ordem individual: a vida em comunidade pede o sacrifício das pulsões, para que possa haver um certo compartilhamento. O recalque das pulsões está na origem do sintoma. Uma das idéias freudianas a esse respeito é a de que a expressão da libido é um empecilho para a evolução cultural. A cultura não se satisfaz só com o casal, mas requer relações entre o maior número de pessoas possível. As relações sociais, relações outras que não a sexual, exigem libido com fim inibido; ou seja, a realização desses laços exige restrição da vida sexual. Isso reforça, portanto, a hipótese de que a cultura opõe-se à expressão irrestrita da sexualidade. Da mesma forma, a agressividade precisa ser contida para possibilitar a vida em sociedade. O homem civilizado trocou felicidade por segurança, aceitando aquietar-se – agressiva e sexualmente – em troca disso.

Aí começa a abrir-se o mal-estar em Freud, pois a cultura seria, enfim, a luta entre pulsão de vida e pulsão de destruição, e essa luta seria o conteúdo essencial da evolução cultural. Essa luta ou “negociação” – para ficar em segurança, o homem civilizado abre mão da satisfação plena da agressividade e da sexualidade -, ele nomeou de “formação de compromisso” ou “solução de compromisso”, sendo que formação de compromisso corresponde a sintoma. Assim, temos que o sintoma está na base do social.

A neurose {o sintoma} viria a ser a solução de uma luta entre os interesses de autoconservação e as exigências da libido, uma luta na qual o eu, se bem triunfante, haveria pago o preço de graves sofrimentos e renúncias. (FREUD, 1930, p. 140).

Em Totem e Tabu, cujo enfoque se dá no modo como se estabelecem as relações nas tribos aborígenes, remontando à horda primitiva, temos que apenas o chefe gozava da

liberdade das pulsões, enquanto os demais membros da comunidade viviam oprimidos como escravos. O que caracterizava essas relações primitivas era a contradição entre uma minoria que gozava de todos os privilégios da cultura e uma maioria excluída. Nesse texto, Freud traz a noção daquilo que opera quando a fratria primitiva faz uso da violência para suprimir a arbitrariedade do pai soberano. Mas esse ato de eliminar o pai pelo assassinato e devoração de seu cadáver não suprime sua lei, que, ao contrário, é reforçada. A transformação daí operada é que as pulsões, em vez de atuadas através da repetição do rito de morte, passam a ser representadas, passam ao nível das idéias, são “administradas”, e dão lugar ao pacto social: a barbárie cede espaço à cultura. Cada indivíduo toma para si, juntamente com o grupo, a tarefa de conciliar as pulsões com as novas leis-tabu, fazendo disso expressões mais ou menos sintomáticas. O que Freud invoca aí é o ultrapassamento da fixação na vontade ilimitada do pai/chefe e a resolução das lutas fratricidas com união na identificação entre os irmãos, na busca do bem comum, como indício de cultura.

Daí pode-se inferir as relações de trabalho estabelecidas socialmente, especialmente na distinção das funções - poderes, direitos, deveres, entre chefe-subordinado - como lugares distintos capazes de atribuir satisfação ou repressão de instintos, desejos, libido. A escolha da profissão pode estar ligada ao desejo de se colocar socialmente no lugar do pai - como sinônimo de satisfação, ou no lugar do filho - como sinônimo de castração, o que, em última análise, está implicado na condição de ego formado. Além disso, pode-se considerar que a relação do sujeito com o trabalho diz respeito às suas expectativas sobre subordinação e autoridade no exercício da profissão, como forma de inserção social. Diz respeito ainda a um modo de obtenção de satisfação pessoal, ou contrariamente, como meio de castração/ obrigação, levando ao exercício de funções dissociadas.

A forma de lidar com essas duas instâncias heterogêneas – corpo e linguagem (cultura) – vai dizer de uma construção mítica. A origem dessa construção está no Outro, porque este vem antes do próprio sujeito. Mas, ainda assim, não se trata de uma origem genética ou natural, porém mítica. Esse Outro, forjado nas relações parentais no início da vida, se coloca como demandante, sem que, no entanto, o sujeito possa situar quem é esse Outro. Então o Outro deseja, e o corpo do sujeito logo se colocará como alguma coisa frente a esse desejo, a essa demanda, frente, portanto, ao desejo do Outro. Neste contexto, entenda-se o Outro enquanto um lugar – como sendo o próprio da linguagem.

Para tentar resolver a inadequação, o sujeito ascende à linguagem – por isso o bebê começa a falar -, retirando o acento do lado do corpo e ressitua-o do lado de uma significação, algo que a linguagem possibilita. Essa é uma primeira operação de subjetivação na tentativa de obter um efeito de homogeneização entre sujeito e Outro.

Dessa tentativa de homogeneização extraem-se duas posições: uma é a significação de sujeito indeterminada no simbólico, que diz respeito ao sintoma; a outra é a posição objetual indeterminada no imaginário, que se refere ao fantasma. Todavia, as duas posições são completamente ligadas e não há como tocar numa sem tocar na outra (Calligaris, 1986).

O que poderíamos chamar de sintoma social ligado à questão profissional? Seriam as chamadas “profissões de moda”?

O sintoma é a expressão inconsciente do laço. Todas as culturas produzem modelos comportamentais, também no que diz respeito às profissões, e uma certa inadequação entre o que somos e os ideais da cultura – eu ideal – são indispensáveis para o funcionamento social.

Porém, laço e sintoma social não podem ser pensados de forma generalizante, pois diferentes indivíduos de diferentes grupos sociais traduzem de forma específica o discurso em sintoma. Enquanto participante de um determinado laço social, não há como situar no sujeito uma passividade, mas sim um certo consentimento. Evidentemente, esse consentimento não serviria para justificar uma tentativa de fazer uma apologia da culpa nem, por outro lado, eximir o sujeito da responsabilidade sobre seus atos.

### **ANÁLISE DA OBRA TOTEM E TABU: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES NA ESCOLHA PROFISSIONAL**

A humanidade diz de si mesma, explica Freud, em Totem e Tabu (1913), obra que se constitui como um estudo antropológico. O homem diz de si mesmo, ainda que não fale de si; diz de si por si mesmo através de sua relação consigo mesmo, com a vida, e através de suas escolhas. A projeção de algo para a realidade externa implica no reconhecimento de dois estados; a saber, a consciência sobre determinada coisa (percepção) e a propriedade de latência capaz de reaparecer, ou inconsciente. Assim, podemos perguntar, acerca da

temática proposta nesse estudo, se a escolha de uma profissão teria, e o quanto teria de projeção. E, em sendo uma projeção, que componentes teriam desses dois estados – consciente e inconsciente, na base de sua constituição?

Lançando uma comparação entre o animismo, como sistema de pensamento, aos sonhos, o autor aborda a questão do conteúdo manifesto, ou seja, o lembrado após a “revisão secundária”, com propósito de dar aos conteúdos um novo significado. Novo significado esse dado pela função intelectual com propósito de garantir seu domínio sobre os conteúdos (percepções ou pensamentos). Se por situações especiais o sujeito não puder estabelecer uma conexão verdadeira, fabrica uma falsa. Assim, há uma razão baseada na premissa do sistema (que pode ser delirante) e uma razão oculta (a verdadeira operante).

Dentro deste princípio, temos que também a escolha profissional de um sujeito é regida por esse funcionamento. Ou seja, razões ocultas, de ordem inconsciente, e, portanto, referentes ao proibido reprimido, são as que verdadeiramente operam, encobertas pelas razões da ordem de um novo significado dado, intelectualizado, derivado de uma revisão secundária.

Totem e Tabu trata do sentimento de ambivalência do complexo-pai, uma vez que trata da culpa e rebeldia como algo insolúvel; que nunca se extingue. Nem a religião dá conta disso, apesar de seu empenho em fazê-lo. No complexo-pai, o que é adorado e de quem o filho deseja todo o poder e semelhança, ao mesmo tempo é sacrificado pelo desejo de morte do filho. E o pai, outrora assassinado, é elevado à condição de Deus de quem os filhos (o clã) alegam descender como busca de expiação.

Dessas concepções, outras questões se colocam na tentativa de compreensão da psique, no que concerne à escolha profissional. Estaria essa ambivalência do complexo-pai presente nessa escolha? Quanto de expiação essa escolha pode conter? Quanto de culpa ou rebeldia está em sua raiz? Pode-se, de alguma forma, considerar que determinadas escolhas profissionais busquem, de forma inconsciente, atender o desejo de semelhança e identificação, visando à acomodação do complexo-pai? Ou que, ao contrário, representem uma morte simbólica do pai?

Freud comenta que a Agricultura pode ser vista, sob um olhar psicanalítico, como o esforço do filho em colocar-se no lugar do pai, fecundando a mãe-terra, o que implicaria a



satisfação simbólica da libido incestuosa. Que significado tem para cada sujeito a profissão que ele escolhe, se tomada pelo viés de significantes inconscientes? Esse exemplo genérico da Agricultura se multiplica infinitamente, como infinitos são os significantes de cada sujeito.

Na abordagem do totem sabe-se que a relação do sujeito com esse está na base de todas as suas obrigações sociais, acima inclusive de sua filiação tribal e das suas relações consangüíneas. Sabe-se também que o totem é a maximização da figura pai. Portanto, a inserção do sujeito no social e a sua manutenção neste está implicada fortemente nessa conexão. O modo como o sujeito se coloca nesse espaço social - e a profissionalização é um dos elementos fundamentais nessa inserção - está implicado, portanto, na obediência absoluta ao totem, que está, por sua vez, acima de qualquer questionamento, Questioná-lo implica em severas penas, inclusive a culpa auto-impingida.

As neuroses têm sua origem nas repressões infantis desencadeantes do conflito, originando as atitudes ambivalentes no sujeito. Na busca de resolução, o desejo instintivo se desloca constantemente com propósito de fugir ao impasse, buscando substitutos do objeto proibido. A proibição também se desloca estendendo-se aos novos objetos, sendo esses também reprimidos. Retomando o exemplo da agricultura como escolha profissional analisada por Freud, esta talvez seja melhor elucidada sob esse enfoque. Assim, constrói-se a hipótese de que a escolha profissional possa ser uma forma de deslocamento de um desejo instintivo fortemente reprimido. O autor afirma que é característica da doença neurótica que os atos obsessivos se enquadrem cada vez mais no domínio do instinto e se aproximem cada vez mais da atividade proibida originalmente. A partir disso seria possível, através da escolha da profissão de determinados sujeitos, identificar traços obsessivos? É possível, conhecendo o sujeito, entender sua escolha profissional.

Quanto ao tabu, a própria palavra denota uma ambivalência – o sagrado e o proibido, o exaltado e o temido, a proteção e a ameaça. Representa uma atitude emocional ambivalente. Daí a podermos perguntar: não seria a escolha de uma profissão derivada também de uma atitude emocional ambivalente entre a aceitação e a negação de pai/mãe?

Freud coloca que há pontos de concordância distorcidos nos neuróticos com aspectos sociais, podendo-se afirmar que: a histeria é a caricatura de uma obra de arte; uma

neurose obsessiva, de uma religião; um delírio paranóico de um sistema filosófico, havendo, portanto, nas neuroses, além da força instintiva sexual, também instintos sociais. Ou seja, estabelece uma ligação direta da condição psíquica do sujeito com sua expressão social através do trabalho. O trabalho, enquanto escolha profissional, portanto, pode ser entendido com a manifestação do sujeito psiquicamente, tanto em suas manifestações neuróticas quanto nas ditas sadias. Através da profissão o sujeito se expressa, conta sua história.

Na abordagem do tema magia, Freud apresenta seus dois princípios: semelhança e contigüidade, princípios esses essenciais dos processos de associação de idéias que incluem o conceito de “contato”. A magia tem em sua técnica o princípio que consiste em tomar equivocadamente uma conexão ideal por real. Na paralela desses conceitos, podemos levantar a questão: tomariam algumas escolhas profissionais também equivocadamente uma conexão ideal por uma real? Ou seja, se regidas por processos inconscientes, sobre os quais o próprio sujeito não tem acesso, não estariam essas escolhas tentando dar conta de questões de outra ordem, como, por exemplo, a possibilidade de semelhança e contigüidade, na busca de “contato”? As “desilusões profissionais” ou, antes disso, as “desmotivações nos cursos de formação” e no exercício da profissão, não estariam a ilustrar o fracasso dessa tentativa? As inúmeras trocas de cursos pelas quais passam alguns sujeitos não serviriam na exemplificação dessa conexão ideal - real? Ou melhor, dessa desconexão, num movimento circular que imitaria os próprios processos psíquicos de repetição, em busca da resolução.

Na abordagem da origem do totemismo Freud apresenta as teorias em três grupos, sendo o primeiro a teoria nominalista, segundo a qual o totem se origina da necessidade de distinção entre os clãs como uma nomeação, passando mais tarde a idéia de existência de parentesco com ele. Pois bem, pertencer a um clã significa ter o seu nome e todo o significado essencial nisso implicado. Com isso, podemos perguntar: pertencer a um grupo profissional não teria a mesma implicação? Não seria também se atribuir um nome (Rose, a psicanalista; Pedro, o pedreiro) que o valide? Estaria assim, a escolha da profissão, por conta das projeções do sujeito, segundo a sua rede de significantes, em busca de um significado atribuído socialmente ao qual ele quer ter acesso?

Essa teoria atribui que a identidade entre um homem e seu totem teria uma base real na crença de sua mãe, donde ocorreriam todas as crenças totêmicas, Portanto, o significante de cada sujeito, impregnado por suas crenças, passa pelos significantes maternos. Quanto dos significantes maternos estão na constituição dos significantes do sujeito que escolhe uma profissão? É possível separar o que é do sujeito e o que é de sua mãe, naquilo que o constitui? Ou, por definição, os dois conceitos fundem-se num só? Se o indivíduo se torna sujeito pela palavra da mãe, a quem a escolha profissional atende? Ou o que ela busca, justamente, negar?

A análise de Totem e Tabu registra de forma enfática a natureza humana, desde os primeiros homens, enquanto ambivalência emocional. Amor e ódio como vivências simultâneas sobre os mesmos objetos, estando este princípio na raiz das instituições sociais e culturais. As escolhas profissionais, pode-se supor, obedecem também a esse princípio, estando sujeitas a esse movimento de atração e repulsão.

## **CONCLUSÕES**

As conclusões aqui apresentadas enunciam-se como ensaio, sem a pretensão de tornarem-se universais na temática em questão. No entanto, são apontamentos significativos pelo aprofundamento dado ao objeto de estudo a partir da escuta e análise da fala dos sujeitos investigados.

Observou-se inicialmente nos dois sujeitos da pesquisa que, a partir da análise do discurso pessoal e familiar de cada um deles, foi se delineando diferenças que os caracterizaram de forma proveitosa para este estudo, embora não previamente concebidas, uma vez que a definição dos sujeitos foi feita aleatoriamente. Assim, um era do sexo feminino e outro do sexo masculino; um primogênito, o outro o segundo filho; um enfatiza a mãe como elemento de referência no par parental, o outro enfatiza a figura do pai; um deles apresenta a queixa de uma mãe-colada, quase onipresente, outro queixa-se de abandono emocional pela mãe; um fez uma escolha “antecipada, desde sempre queria ser...”, outro passou pela angústia de não saber que curso escolher às vésperas do vestibular; um inicia a Psicologia, outro entra no curso de Psicologia concomitante com o Jornalismo, pela impossibilidade de fazer uma escolha. Assim, embora os dois sujeitos

constituam um universo restrito numericamente, têm uma representatividade significativa para a análise da questão proposta, pela abrangência das suas diferenças.

**De ordem geral**, o que podemos reunir de informações como tentativas de respostas para a questão posta - **por que cada um escolhe a profissão que escolhe?** -, é que, evidentemente, há a inserção familiar na escolha do sujeito. O que há de comum nos discursos familiares é o fato de tratar-se de um discurso contraditório em ambos os casos, de reconhecimento e negação dessa inserção, possivelmente ditados por sentimentos ambíguos de ansiedade e culpa. **Muitos afetos estão em jogo no processo de escolha profissional, tanto de parte do jovem que se encontra na situação de escolha, quanto dos pais que se vêm envolvidos na questão, assumindo diferentes posições.** Tem-se que, num caso e no outro, processos inconscientes estão na ordem daquilo que define as escolhas, e operam no sujeito.

Ambos os sujeitos têm fundamentadas suas escolhas a partir de identificações que, por sua vez, estão implicadas na forma como vivenciaram os processos de identificação primária, estágio do espelho, e as identificações secundárias; ou seja, os afetos daí decorrentes. Ambos, **de forma direta ou indireta, escolheram a profissão em atendimento ao desejo do Outro.** Ambas escolhas têm a ver com a fundação de imagens que estão constituídas pelas suas lembranças e vivências, na sua história de vida. É possível, portanto, trabalhar com a idéia de que estejam implicados na escolha da profissão processos de revivências das fases iniciais do desenvolvimento. É possível que mecanismos de defesa estejam atuantes.

Mas há um traço inovador em cada um desses sujeitos que os torna diferentes do modelo, do Outro que os constitui como escolha profissional, instaurando o novo, o original em cada um, fundando sua alteridade. Trata-se da repetição do mesmo que, no entanto, nunca é o mesmo. Assim, há um quê de desconhecido no que há de familiar no psicólogo R ( assim nomeado o sujeito da pesquisa ) que o distingue da mãe, pretensamente psicóloga, uma vez que ela própria desejava para si esse destino sem que o tenha realizado. E há um quê de distinção do modelo feminino materno de C (nomeação dada ao segundo sujeito da pesquisa) que a caracteriza como uma outra mulher. C quer ser identificada como psicóloga – a que atende, a que olha, a que acolhe, tendo sido, ela própria, filha de uma

mulher que, no desempenho da maternidade junto a C, não lhe oferecia o olhar, o acolhimento, o atendimento por ela desejado e esperado nas vivências infantis e atuais. É possível sugerir que os dois sujeitos diferenciam-se pelo lugar da identificação que ocupam: R pela identidade colada ao Outro – psicólogo filho de uma pretensa psicóloga; e C pela exceção – opta pelo que é tomado como surpresa pelos seus pais, pelo recalque, numa alusão sintomática ao que por ela foi vivenciado como falta.

Observou-se que em ambos os casos, tanto em R - que lida com uma forte presença materna -, quanto em C - que se ressentia da falta afetiva da mãe -, nos dois casos é possível verificar que a figura parental, se de um lado castra, por outro, representa também a possibilidade, uma vez que viabiliza o sujeito enquanto sujeito da escolha.

O que **podemos inferir é que o sujeito ao escolher uma profissão elege, de forma inconsciente, uma fantasia. E esta fantasia é particular para cada um**, embora possamos estar falando de uma mesma profissão. **Trata-se de uma fantasia fundada nos significantes de cada sujeito.** Desejar ser Psicólogo significa desejos diferentes para cada um, assim também como o desejo de pertencer a um mesmo grupo profissional tem diferentes implicações subjetivas.

Podemos inferir **que a escolha da profissão atende a várias pulsões do sujeito.** Por isso, embora obedeça uma lógica oralizada por esse, presente em seu discurso e no discurso dos familiares, observou-se nos dois sujeitos da pesquisa um espaço de “não-saber” quanto a justificativa da sua escolha, denotando grande carga de conteúdo inconsciente presente nesses processos.

**Quanto do “aqui e agora” presentificado na escolha de uma determinada profissão tem a ver com o que se passou “lá e outrora”? Quanto de transferência há na eleição de uma profissão? Nesse processo, que atualizações estão em jogo?** Quanto, nessa escolha, está em marcha transferências positivas ou negativas que, portanto, terão como consequência diferentes graus de satisfação ou insatisfação no exercício profissional? Ou seja, que implicações se dão por esses processos inconscientes operando na determinação da escolha e na prática profissional, conseqüentemente?

**Cabe à psicanálise levantar essas questões e procurar analisá-las, ocupando-se de oferecer suporte teórico para um novo e aprofundado conhecimento a respeito do**

**estudo das vocações.** Por um atravessamento desta, **os processos implicados na escolha profissional podem ser desvendados.** Senão, **ao menos melhor compreendidos,** uma vez que **pela sua interpretação o sujeito pode passar a ter acesso a alguns dos mecanismos inconscientes presentes nessa empreitada. É pela via da análise que poderá ter acesso a lembranças e sentimentos hostis ou amistosos recalçados,** que remontam, portanto, a fontes eróticas latentes na atualidade, de forma velada, e que se inscrevem na vida do sujeito em todas as áreas; também nas definições de suas escolhas, inclusive profissional. **A Psicanálise, portanto, tem a seu cargo atualizar e interpretar essas escondidas e poderosas motivações individuais, ampliando o conceito e a abordagem da Orientação Vocacional.** Tomando a si a função de ajudar a identificar a natureza, dinâmica e direção das tensões que afetam o sujeito, abordando seu conteúdo recalçado, elementos todos presentes e atuantes na escolha de um destino.

**A psique humana é um vasto campo de infindável complexidade,** e embora existam mecanismos e movimentos sobre os quais se detém algum saber relativamente à espécie, é de domínio do conhecimento científico, e da Psicanálise particularmente, que **cada sujeito constitui um universo próprio e único capaz de produzir fenômenos únicos e próprios, alguns ainda indecifráveis.** Talvez seja esse o maior dos desafios: andar na esteira do não-sabido, para insistir em tentar responder questões que ainda nem foram formuladas.

Lacan levanta o seguinte questionamento no Seminário 2 - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise: “Se a compreensão tem seu lugar no campo da análise...será que o campo da análise pode chegar ao homogêneo? Será que tudo nele pode ser compreendido?” (LACAN, 1985a, p.104)

Freud coloca que as teorias nada têm de universal, afirmando: “[...] falta à própria teoria declarar que ela não é verdadeira de forma geral, mas verdadeira para x, do qual ela é o instrumento.” (FREUD apud BERGÈS E BALBO, 2001, p.19).

Seria possível, portanto, uma teoria a respeito da construção da identidade profissional? Seria possível saber porque cada um escolhe a profissão que escolhe?

Bergès e Balbo, inspirados ainda em Freud, escrevem a respeito da teoria sexual infantil, afirmando que não existiria uma teoria, mas existiria uma teoria própria de cada sujeito à qual está presa?

Marie-José Lèrès afirma em sua conferência sobre Criança Psicótica e Escola Pública: “[...] Muitas crises da adolescência não têm outra função senão a busca de uma direção através da reivindicação de uma diferença que pede para ser compreendida.”(LÉRES apud FOLBERG, 1994, p.16).

O surpreendente de uma investigação da ordem das questões humanas é nos depararmos diante de perguntas respondendo a outras perguntas. Seria possível a construção de uma teoria que respondesse à questão: “por que cada um escolhe a profissão que escolhe?” É possível que exista a teoria de cada sujeito, construída por ele e para ele? A análise dessa questão muito tem a ver com o próprio processo psicanalítico, onde lidamos com algumas poucas generalizações, mas, mais que isso, lidamos com a diferença, com o próprio, com a subjetividade, a alteridade, com o inusitado de cada um. É possível que para cada sujeito exista uma resposta para esta mesma pergunta. Cada um tem seu contexto próprio, sua história a nos responder.

**A conclusão** a qual não nos podemos furtar, no entanto, **é de que o desenvolvimento e a constituição psíquica do sujeito, seu processo de subjetivação, é alicerce de suas escolhas de forma geral**, e de sua (s) escolha (s) profissional (ais) de forma mais específica. A leitura de Totem e Tabu muito elucidada essa questão em muitos aspectos. Há, ao que parece, um sistema de funcionamento comum que rege ao que chamaríamos de esquema básico na construção da escolha profissional, e que está incluso naquilo que constitui a construção do próprio sujeito psicologicamente.

**A escolha profissional é a expressão do próprio sujeito. É o resumo de sua história particular.** Conhecer seus reais motivos significa conhecer sua história de vida, suas vivências psíquicas, suas marcas, as impressões primeiras. **O sujeito é, segundo a Psicanálise, a reedição de si mesmo. Há uma reimpressão de atos presos nos afetos. E a profissão como escolha, com um ato, é refém desses afetos. É, portanto, também uma busca de resolução.**

**Escolher uma profissão implica, ao que parece, remontar aos pais, avós, bisavós, até quem sabe aos aborígenes da Austrália.** Pois o comportamento humano está impregnado da herança ancestral explicada em várias teorias. O fato é que somos o resultado de muitos que nos antecederam e nos denominaram assim como somos.

**É possível, conhecendo o sujeito, entender sua escolha profissional? E é possível, ao contrário, a partir da escolha profissional, conhecer o sujeito?** No enfoque desta análise, são assertivas as questões que se colocam. Assim, **à Psicanálise cabe o desafio de intermediar o sujeito consigo mesmo, também com o propósito de torná-lo mais competente para suas escolhas. Para que sejam mais conscientes, mais integradas, mais gratificantes e prazerosas.**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA**

BACKES, Carmen. **O que é ser Brasileiro?** Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

BALBO, Gabriel; BERGÈS, Jean. **A Atualidade das Teorias Sexuais Infantis.** Porto Alegre, CMC Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Jogo de Posições da Mãe e da Criança:** ensaio sobre o transativismo. Porto Alegre: CMC Editora, 2002.

CARVALHO, Uyratan. **Psicanálise II.** Rio de Janeiro: SPOB, 3ª ed., 2001.

CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma Clínica Psicanalítica.** Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

COSTA, Ana Maria Medeiros. **Sobre o Hamlet Brasileiro.** Correio da APPOA, Porto Alegre, n. 50, 7. set.1997. pp. 30-32.

FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses.** Rio de Janeiro: Atheneu, 1997.

FOLBERG, Maria Netrovsky (Coord.) **Cadernos de Estudos Especializados. Série Educação Especial e Psicanálise: Caderno I – Criança Psicótica e Escola Pública.**



Faculdade de Educação da UFRGS e Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Porto Alegre: SMED, 1994.

\_\_\_\_\_. **Desdobrando o Averso da Psicanálise**. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 13, p.20-191. Original publicado em 1913 [1912-13].

\_\_\_\_\_. O Mal-Estar na Civilização. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.21, p. 81-170. Original publicado em 1930 [1929].

GREENSON, Ralph. **A Técnica e a Prática da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

KAPLAN, Harold; SADOCK; GREEB. **Compêndio de Psiquiatria - Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. Porto Alegre: Artmed, 7ª ed., 1997.

LACAN, Jean Jacques. **O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a. (O Seminário ; Livro 2). Original publicado em 1954-1955.

\_\_\_\_\_. **La Identificacion**. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1961/1962.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (O Seminário; Livro 8). Original publicado em 1960-1961.

LAGACHE, Daniel. **A Transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1970.

ROSEMBERG, Ana Maria Sigal. **O Lugar dos Pais na Psicanálise de Crianças**. São Paulo: Escuta, 2ª ed., 2002.

SALEM, Tânia. **O Velho e o Novo: um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SOUZA, Octavio. **Fantasia de Brasil**. São Paulo: Escuta, 1994.

